

CAJÓN: ESTRATÉGIA INTERVENTIVA PARA COMPARTILHAMENTO DE EMOÇÕES EM SALA DE AULA

O cajón é uma estratégia interventiva que desenvolvi como método didático junto aos estudantes de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia, na disciplina Ciências e Mídias, inspirada em conceitos do linguista russo Mikhail Bakhtin, na teoria da sociedade do consumo de Zygmunt Bauman e na filosofia da diferença. Por ser um instrumento de percussão de alta vibração, o cajón foi escolhido como elemento central para a atividade. O intuito da intervenção é que cada sujeito compartilhe com os demais colegas de turma alguma memória que reverbere neles, tal qual o som do cajón. Essa estratégia foi criada com o propósito de provocar discussões acerca dos estereótipos e representações que circulam no contemporâneo acerca do outro e, assim, diminuir barreiras para o acesso aos sujeitos que constituem conosco a sala de aula. O cajón compõe a disciplina Ciências e Mídias em três momentos: 1) livre, levando uma história para ser contada a partir de um objeto que faça referência àquilo que reverbera no sujeito; 2) uma fotografia com um dizer de própria autoria sobre a imagem; 3) um texto autoral. Muitas histórias pessoais são compartilhadas por meio de algo materializado, como sapatinhos de bebê, fotografias de pessoas queridas, cartas, embalagens de presentes, roupas, adereços e muitos outros objetos que fazem lembrar o vivido, as quais têm promovido a empatia e possibilitado conversas sobre as emoções.

¹ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Instituto de Biologia, Uberlândia (MG), Brasil; danielafranco-carvalho@gmail.com

JUSTIFICATIVA

O projeto desenvolvido foi construído a partir das minhas vivências como professora universitária e no estudo aprofundado de dois teóricos, Mikhail Bakhtin e Zygmunt Bauman, com os quais faço alianças nas construções de pesquisas no campo da licenciatura. Desde que iniciei minhas atividades no ensino superior, passei a questionar minha prática docente cotidiana diante dos intensos desafios de me constituir como uma professora formadora de outros professores e na responsabilidade social em contribuir com o processo formativo de sujeitos que passarão a formar outros sujeitos.

Nesse movimento de me conhecer como essa professora formadora fui em busca de leituras que contribuíssem para a compreensão dessa responsabilidade, e assim conheci a obra de Mikhail Bakhtin, um filósofo linguista russo que me auxiliou a perceber a docência na dimensão da alteridade, na polifonia das vozes dos outros que constitui nossos discursos e práticas e na ação responsável, que demanda uma vida sem álibis.

Para Bakhtin:

[...] cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir. (BAKHTIN, 2010, p. 44)

Tocada por essa ideia de responsabilidade no viver-agir, passei a me movimentar no sentido de trabalhar nas disciplinas de forma a ampliar minha visão sobre os limites da atuação docente. Jamais a displicência fez parte da minha ação enquanto professora, mas, muitas vezes, quando me deparava com a falta de interesse de alguns estudantes, a dificuldade de dar prosseguimento em estudos mais amplos ou a necessidade de pontuar determinadas atividades para que elas fossem realizadas pelos alunos, atribuí a esses percalços à rotina acadêmica, à pressão do cotidiano na universidade, ao currículo, à desmotivação que é comum aos alunos dos períodos iniciais, e a muitos outros elementos que fazem sentido para explicar a complexidade da sala de aula. No entanto, percebi, ao estudar os conceitos bakhtinianos, que estava me esquivando de uma responsabilidade do ato da docência. Estava me apoiando em álibis. E essa percepção me levou a estudar o contemporâneo, na busca de compreender o lugar-tempo que habitamos e me aproximar dos estudantes em uma entrega, com toda a minha responsabilidade. Sabedora dos desafios diários que envolvem a experiência única de conviver mutuamente, professora-alunos, ao longo de uma disciplina.

Lancei-me à leitura e reflexão daquilo que chamei de álibis. Desejei compreender a desmotivação, a falta de interesse, a insegurança, o abandono, a desistência, a solidão, a depressão, a ansiedade, a tristeza, o desânimo que se manifestavam de diferentes formas nos corpos e nas falas dos estudantes.

Li o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2004; 2007), para quem:

O terreno sobre o qual se presume que nossas perspectivas de vida se assentem é reconhecidamente instável – tal como são os nossos empregos e as empresas que os oferecem, nossos parceiros e nossas redes de amizade, a posição que desfrutamos na sociedade mais ampla e a autoestima e a autoconfiança que o acompanham. (2007, p. 16)

Compreendi que a liquidez dos nossos dias movimentava sensações de que tudo que não for para a satisfação imediata deve ser adiado, pois, na sociedade do consumo, tudo pode ser descartado, substituído, trocado. Desde qualquer objeto num mercado às pessoas. Para Bauman (2004, p. 83), o advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais.

Essas incursões em temáticas tão densas me fizeram inicialmente ter medo. Mas Bauman nos conta que “os medos nos estimulam a assumir uma ação defensiva. Quando isso ocorre, a ação defensiva confere proximidade e tangibilidade ao medo” (BAUMAN, 2007, p. 15). E eu não queria assumir uma ação defensiva. Queria uma ação responsável, de enfrentamento. Assim, fiquei por algum tempo imersa entre as palavras de Bauman e de Bakhtin, pensando em como agir na densidade aquosa do nosso cotidiano. Em como acessar o outro em sua singularidade, se

[...] o desvanecimento das habilidades de sociabilidade é reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista dominante, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente oferecem e em termos de seu “valor monetário”. (BAUMAN, 2004, p. 96)

Nesse processo, os valores intrínsecos dos outros como seres humanos singulares (e assim também a preocupação com eles por si mesmos, e por essa singularidade) estão quase desaparecendo de vista. A solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor (BAUMAN, 2004, p. 97-98).

Não vi outra possibilidade a não ser atuar nas brechas. Colocar-me junto aos meus estudantes em abertura. Em entrega ao desconhecido. Em fragilidades. Repensei-me professora. E escrevi sobre como me entendia a partir dos estudos que fiz e da disposição que me perpassava.

*Eu-professora.
Uma anfitriã.
Ciceroneio estudantes por vão-palavras.
Salas-sensibilidades.
Ruas-poemas.
Cidades-livros.
Museus-pessoas.
Objetos-ao-vento.
Por lugares ainda não pisados.
Por nós.*

Ao me repensar professora, repensei a disciplina Ciências e Mídias que trabalho na licenciatura em Ciências Biológicas na UFU. Um desafio imenso desejar compor com os estudantes uma outra sala de aula, que adensasse solidariedade e empatia, tendo como cenário um componente curricular, que possui uma ementa, objetivos, conteúdo programático e referências a serem seguidos.

Fiz a mim mesma inúmeras perguntas.

Como? Como? Como?

Sugeri modificações na ementa. E as modificações foram aprovadas pelo Núcleo de Educação em Ciências e Biologia, do Instituto de Biologia, e posteriormente pelo

Colegiado do Curso de Ciências Biológicas. Assim, a ementa passou a contemplar os seguintes dizeres:

Esse componente curricular visa contribuir com a formação do biólogo licenciado para uma atuação responsável e criativa na escola básica e em todos os campos de atividade educacional, a qual requer uma visão ampla de mundo e das complexidades do contemporâneo, envolvendo a integração constante de conhecimentos científicos, sociais e culturais.

Identificar como os conhecimentos sobre as Ciências Naturais estão dispostos nas diferentes mídias e em espaços educativos diversos. Discutir como a veiculação dos conhecimentos científicos nas diferentes mídias adensam discursos e reforçam estereótipos principalmente em relação às questões étnico-raciais e de gênero. Estudar de forma coletiva as expressões artísticas contemporâneas e analisar como os conteúdos científicos presentes nas obras podem questionar a ciência e a forma de produzi-la. Elaborar produtos midiáticos e intervenções urbanas a partir de textos acadêmicos e críticas elaboradas a partir das discussões em grupo.²

Com a possibilidade de atuar conjuntamente com os estudantes para o desenvolvimento de atividades em grupo que pudessem estimular a criatividade e a visão ampla das complexidades do contemporâneo, passei a idealizar propostas didáticas que pudessem contribuir para a formação dos futuros professores de Ciências e Biologia. Dessa forma, estruturei o projeto que agora apresento.

CONTEXTO EM QUE O TRABALHO ESTÁ INSERIDO

O projeto foi desenvolvido como parte integrante de uma disciplina do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da UFU, *campus* Umuarama. A disciplina Ciências e Mídias foi idealizada com a modificação do projeto pedagógico do curso, realizada em 2013, em observância às exigências do Conselho Nacional de Educação para atendimento às resoluções CNE/CP n. 1, de 18/02/2002, e CNE/CP n. 2, de 19/02/2002, às Diretrizes Curriculares Nacionais e aos Referenciais Curriculares Nacionais dos cursos de licenciatura.

Os docentes do Núcleo de Educação em Ciências e Biologia do Instituto de Biologia da UFU acreditavam que seria muito importante que uma disciplina pudesse articular os conteúdos de Ciências Naturais às vivências contemporâneas e às múltiplas formas de divulgação desse conhecimento nas mídias. Dessa forma, estruturamos a proposta de Ciências e Mídias como uma disciplina obrigatória prevista no eixo articulador do projeto pedagógico que engloba outras três disciplinas (Profissão Biólogo; Biologia e Cultura; e Educação e Sociedade) e o trabalho de conclusão de curso.

Durante dois anos, entre 2011 e 2013, o currículo da licenciatura foi debatido com a comunidade acadêmica em reuniões com representantes do Núcleo Docente Estruturante (NDE) e em assembleias abertas aos professores, técnicos e alunos. Algo que estava sendo colocado como fundamental nesse processo era a qualidade do curso e a integração dos conteúdos do Núcleo de Formação Específica relacionados aos componentes da área de conhecimento específico, a biologia, e o Núcleo de Formação Pedagógica.

² Disponível em: <http://www.portal.ib.ufu.br/node/255>.

Foi uma época de embates, pois as tensões entre as compreensões acerca do bacharelado e da licenciatura ficaram muito evidentes, desde o dimensionamento da carga horária total do curso até as suas disciplinas e ementa. Havia um discurso muito presente, principalmente por parte dos docentes que atuavam exclusivamente no curso de bacharelado e na pós-graduação, de que a formação básica do licenciando poderia ser diferente da do biólogo bacharel, pois o professor de Ciências e Biologia não precisaria fazer pesquisa, mas somente ensinar um determinado conteúdo. Nesse contexto, a proposição de uma disciplina que se propunha a debater a ciência que está nos diferentes veículos midiáticos, para além dos muros da universidade e das bancadas dos laboratórios, era uma ousadia.

Uma ousadia porque estava em risco um princípio formativo muito caro para os docentes do Núcleo de Educação em Ciências e Biologia, do qual faço parte. Nós temos convicção de que o biólogo licenciado carece de uma formação básica sólida tal qual o bacharel, de uma formação centrada na pesquisa, pois somente com muito entendimento acerca dos procedimentos do fazer científico é possível questionar esses procedimentos, questionar a produção do conhecimento, ter noção da origem dos conceitos biológicos que estão no nosso cotidiano e que adentram os livros didáticos e chegam às salas de aula da educação básica.

Dessa forma, argumentamos enfaticamente em prol de um currículo da licenciatura equânime em termos de qualidade ao do bacharelado. Defendemos a inclusão de disciplinas que abordassem discussões sobre corpo e gênero, questões étnico-raciais, violência, consumo, tecnologias digitais e temáticas polêmicas e complexas que fazem parte do nosso cotidiano.

Após muitas conversas, votações e documentos elaborados, conseguimos aprovar a disciplina Ciências e Mídias com a proposta original mantida de carga horária total de 60 horas, distribuída em quatro horários semanais consecutivos, e em 2013 a disciplina passou a integrar o projeto pedagógico do curso.

No turno diurno, Ciências e Mídias é prevista a estudantes que estão cursando o terceiro período, e no noturno, a estudantes do quarto período. Assim, a oferta dessa disciplina ocorreu pela primeira vez em 2015. Desenvolvi de forma conjunta com a Profa. Lucia de Fátima Estevinho uma proposta inicial, baseada em muita discussão, trabalhos em grupo e material de apoio oriundo de diversas mídias. Nossa experiência nesse período, de forma concomitante à oferta de outra disciplina também nova no currículo – Biologia e Cultura – nos motivou à escrita de um artigo que foi publicado na revista *Educação em Foco* (GUIDO; CARVALHO, 2016).

Entre os anos de 2015 e 2016, passei pelos questionamentos e modificações internas que descrevi na justificativa, o que me levou à elaboração do projeto que aqui apresento, e que foi desenvolvido no primeiro e segundo semestres de 2017. Como são abertas 25 vagas por turno, por semestre, o projeto contemplou 100 licenciandos no período. Além dos estudantes da graduação, participaram das atividades da disciplina dois bolsistas pós-graduandos do curso de Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia, que estavam sob minha orientação, e quatro monitores, licenciandos que já haviam cursado Ciências e Mídias em semestres anteriores.

OBJETIVOS

Os objetivos do projeto realizado foram elencados a partir de uma percepção minha, enquanto professora responsável pela disciplina Ciências e Mídias, de que, para contribuir efetivamente com a formação dos licenciandos, havia uma necessidade

de incentivá-los à solidariedade e à empatia em sala de aula, pois, pelos estudos que realizei no período anterior, essas poderiam ser possibilidades de sensibilizá-los na sociedade do consumo em que vivemos.

O projeto teve como objetivos:

1. Desenvolver uma estratégia interventiva com o propósito de provocar discussões acerca dos estereótipos e representações que circulam no contemporâneo acerca do outro e, assim, diminuir barreiras para o acesso aos sujeitos que constituem conosco a sala de aula.
2. Incentivar os licenciandos a falarem de si próprios e a compartilharem aspectos da vida cotidiana, inserindo as emoções como temática das discussões acerca das mídias e da contemporaneidade que vivemos.
3. Estimular os alunos a um olhar sensível para o mundo, no sentido de aguçar nos licenciandos desejos de criação.
4. Convidar os licenciandos a desenvolverem processos de criação por meio de fotografias e textos autorais.
5. Dimensionar como a estratégia interventiva potencializa os sujeitos ao processo criativo, à autoria, à solidariedade e à empatia.

CONTEÚDOS CURRICULARES PRIORIZADOS

Quando idealizei a estratégia interventiva que é a base do projeto realizado, estava num processo de estudos aprofundados em relação à formação dos futuros professores de Ciências e Biologia, no sentido de buscar compreender quais seriam as possibilidades de acesso a esses sujeitos naquilo que nos fazem humanos. Durante muito tempo fui questionando o que poderia nos afetar mutuamente a ponto de não mais enxergarmos o outro com os pré-julgamentos estereotipados com os quais temos contato diretamente por intermédio das mídias e que nos proporcionam uma visão preferencial de mundo. Crescia em mim uma percepção de que somente por meio da quebra da superficialidade das relações que estabelecemos em sala de aula, em que o conteúdo curricular é a prioridade, poderia me aproximar dos estudantes a ponto de nos olharmos em profundidade.

Queria subverter a lógica de que, por meio do conteúdo curricular, entramos em contato com os estudantes. Desejava entrar em contato com os estudantes para depois trabalhar com eles os conteúdos curriculares. Mas como poderia propor algo que nos integrasse enquanto grupo sem que o conteúdo curricular ficasse negligenciado?

Resolvi observar atentamente a ementa e os objetivos de Ciências e Mídias para que pudesse encontrar no documento oficial a base para as ações que estava idealizando.

Estava previsto que a disciplina pudesse identificar os conhecimentos básicos que integram a área de ciências naturais; analisar como os conhecimentos sobre as ciências naturais estão dispostos nas diferentes mídias, em objetos de aprendizagem e em espaços educativos diversos; discutir como a veiculação dos conhecimentos científicos sobre a área das ciências naturais perpassa pelas diferentes mídias e por espaços educativos diversos; elaborar projetos educativos integrando os conhecimentos sobre as ciências naturais e sua vinculação com a mídia.

Partindo da ementa, localizei que a proposição de elaborar projetos educativos integrando os conhecimentos sobre as ciências naturais e sua vinculação com a mídia poderia ser a fonte das ações que gostaria de desenvolver. Imaginei o que poderia adensar nessa ideia de elaboração dos projetos educativos de forma que o estudante

se valorizasse no processo de criação e associasse essa ação à potência que há neles para essa produção.

No intuito de alicerçar a proposta com embasamento teórico, fui em busca de referências sobre o processo de criação. E me deparei com uma palestra de Gilles Deleuze (1999) sobre o ato da criação, na qual o filósofo coloca que:

Um criador não é um ser que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade. Essa necessidade que é uma coisa bastante complexa, caso ela exista, faz com que um filósofo se proponha a inventar, a criar conceitos, e não a ocupar-se em refletir. (p. 3)

Era isso. Gostaria que meus estudantes se encontrassem em uma situação na qual não houvesse outra possibilidade que não a invenção, a criação, por necessidade.

Segui em questionamentos ainda mais complexos, imaginando como poderia estimular licenciandos de Ciências Biológicas a essa criação por necessidade. O curso de Ciências Biológicas os estimula desde o primeiro período a uma visão de mundo muito centrada no método científico, nas citações e nos procedimentos metodológicos elaborados por outros, especialistas na área. Dessa forma, os estudantes têm poucas oportunidades para expressarem aquilo que elaboram mentalmente pois a voz é dada sempre ao autor do artigo científico. Não há necessidade de criar porque as respostas já existem. Já foram elaboradas por alguém. Durante muitos anos, escutei repetidamente relatos de alunos no sentido de desvalorização de si, com sensações de impotência e incapacidade de elaborar algo por si próprio.

Como poderia afetá-los em impulsos de criação nesse universo de não em que estamos imersos cotidianamente? Como provocá-los a querer? A sentirem necessidade de produzir?

E mais: como poderia estimulá-los a essa criação e ao compartilhamento das ideias e produções? Como acolhê-los em sala de aula dizendo sim à criação e à diversidade de pensamentos? Como materializar uma sala de aula empática que estivesse aberta à escuta, à compreensão, à solidariedade e à tolerância com o processo de crescimento do outro?

Minha tentativa era incentivá-los à criação e, a partir desse movimento, poder abordar os conteúdos curriculares previstos na ementa, que englobam temáticas polêmicas sobre corpo e gênero, questões étnico-raciais, violência, consumo e tecnologias digitais e que se manifestam no planejamento da disciplina.

A disciplina de Ciências e Mídias, do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia, tem como objetivo desenvolver os seguintes conteúdos programáticos: identificação dos conhecimentos científicos básicos que integram a área das Ciências Naturais; definição e caracterização das diferentes mídias (escrita, falada e digital); análise de como os conhecimentos científicos dos campos das Ciências Naturais e da produção da ciência são veiculados nas diferentes mídias e espaços educativos; estudo sobre o adensamento de discursos e reforço de estereótipos sobre questões étnico-raciais e gênero; elaboração e execução de intervenções urbanas e produtos midiáticos como forma de questionamento, envolvendo o saber científico e os meios de comunicação social.

A disciplina abarca 18 semanas de aula, com o planejamento:

- Aula 1 - Conversa sobre planejamento e avaliação da disciplina;
- Aula 2 - *Cajón* (momento 1);

- Aula 3 - O que é ciência? O que é mídia?;
- Aula 4 - Olhares sobre a mídia: signos da ciência no cotidiano;
- Aula 5 - Olhares sobre a mídia: estereótipos e representações, cientista nos desenhos animados, mulheres na ciência;
- Aula 6 - Olhares sobre a mídia: quando a arte contemporânea questiona a produção do conhecimento científico – Walmor Corrêa/Gabriel Orozco;
- Aula 7 - Olhares sobre a mídia: o museu de história natural de Nova Iorque;
- Aula 8 - Olhares sobre a mídia: intervenções urbanas e divulgação científica;
- Aula 9 - Preparação para a roda de Leitura;
- Aula 10 - Roda de leitura;
- Aula 11 - *Tour* pelo bairro Fundinho: visita ao Museu de Arte Contemporânea, terreno abandonado com grafites e praça;
- Aula 12 – Preparação da intervenção urbana;
- Aula 13 - Intervenção urbana;
- Aula 14 - *Cajón* (momento 2);
- Aula 15 - Veiculação dos conhecimentos científicos nas diferentes mídias: dos rótulos de produtos à bioarte;
- Aula 16 - Preparação das produções midiáticas;
- Aula 17 - Apresentação e discussão das produções midiáticas;
- Aula 18 - *Cajón* (momento 3) e encerramento da disciplina.

São quatro atividades avaliativas:

- *Cajón* - Registro de momentos a serem compartilhados de acordo com a programação - momento 1: livre, levando uma história com algo materializado que faça referência ao que reverbera no estudante; momento 2: uma fotografia com uma frase de própria autoria sobre aquilo que somente o estudante vê na imagem; momento 3: um texto autoral;
- Roda de leitura - apresentação em grupo das leituras dos textos indicados associada a elementos midiáticos;
- Intervenção urbana - projeto de intervenção urbana com estruturação de elementos midiáticos para abordagem com o público;
- Produções midiáticas - apresentação de produções midiáticas elaboradas em grupo.

Abarrotada de perguntas, fiquei imaginando uma proposta. Algo que pudesse dar conta desse movimento que gostaria de trazer para a sala de aula. O que os conduziria a essa criação?

Na ânsia por querer encontrar caminhos, me deparei com o texto de Sueli Rolnik, em que ela afirma que,

[...] para suscitar este aprendiz/criador no aluno, o professor tem que estar podendo suscitá-lo em si mesmo e isto depende dele ir sempre desfazendo sua condição de escravo de um eu, para ir conquistando a possibilidade de se deixar conduzir pelas marcas. (ROLNIK, 1993, p. 249)

Marcas que, na concepção da autora, são “estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo” (ROLNIK, 1993, p. 242). Pensei nas minhas marcas. Naquilo que, por ter sido vivido e adensado em minha memória, me traz desassossego e me impulsiona a criar, a pensar, a produzir.

As marcas se conjugam com nossas emoções. Com aquilo que nos rodeia e que nos constituem.

Nesse momento percebi que uma possibilidade seria estimular os alunos a compartilharem suas emoções, suas marcas, em olhares sensíveis para o mundo. Mas como as emoções poderiam adentrar a disciplina como conteúdo curricular? A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018, p. 10) deixa explícito que uma das competências da educação é “conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas”. Com esse princípio posto para a educação nacional, me senti respaldada em ampliar as propostas para a disciplina.

Para que pudesse colocar em prática o projeto e fazer as modificações que gostaria em Ciências e Mídias, elaborei outra ementa para a disciplina, que foi aprovada no Núcleo de Educação em Ciências e Biologia, pelo Colegiado do Curso de Ciências Biológicas, e atualmente integra o projeto pedagógico reformulado. A nova ementa tem a seguinte configuração:

Identificar como os conhecimentos sobre as Ciências Naturais estão dispostos nas diferentes mídias e em espaços educativos diversos. Discutir como a veiculação dos conhecimentos científicos nas diferentes mídias adensam discursos e reforçam estereótipos principalmente em relação às questões étnico-raciais e de gênero. Estudar de forma coletiva as expressões artísticas contemporâneas e analisar como os conteúdos científicos presentes nas obras podem questionar a Ciência e a forma de produzi-la. Elaborar produtos midiáticos e intervenções urbanas a partir de textos acadêmicos e críticas elaboradas a partir das discussões em grupo.³

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

Durante todo o ano de 2015, quando ofereci pela primeira vez a disciplina, e ao longo de 2016, realizei os estudos que comentei na justificativa e nos conteúdos programáticos curriculares. Modificar minha prática pedagógica era uma necessidade. Criar um outro procedimento que me colocasse em diálogo permanente com os estudantes era algo pulsante em mim. As leituras e meu interesse em conhecer o que poderia impulsionar essas mudanças me levaram para uma busca daquilo que me sensibilizava, que me conduzisse ao desassossego, e que me colocasse inevitavelmente em processo de invenção. Nesse período ingressei em campanhas pela qualidade do ensino público junto ao movimento sindical da universidade, montei um grupo de estudos bakhtinianos com professores da Psicologia, assumi meus desejos de estudar com maior profundidade os artistas plásticos contemporâneos que fazem suas produções a partir de interfaces com a biologia, adotei a prática da meditação tibetana como hábito diário, comecei a fazer aulas de dança, passei a escrever microcontos com essência da luta feminista, e decidi aprender a tocar pandeiro. Dentre esse universo de novas experiências em ebulição, o pandeiro foi o elo mais profundo com o projeto que apresento.

³ Disponível em: <http://www.portal.ib.ufr.br/node/255>.

No final de 2016, marquei uma aula particular com um professor de percussão. Na casa dele havia uma coleção de instrumentos musicais com diversos membranofones. Dentre atabaques, surdos, cuícas, tamborim e tantãs, eu vi uma caixa e perguntei o que era. Um *cajón*. Fui convidada a experimentar. Sentada, bati timidamente na madeira e fiquei encantada com a vibração. Nunca tinha sentido algo daquela forma. Saí da aula e busquei tocadores de *cajón*. Conheci o canal do YouTube da sul-africana Heidi Joubert (@heidijoubertcajon – conta do Instagram) e de múltiplas maneiras o som, sua presença e a força feminina no instrumento me deixaram com a sensação de que estava muito perto daquilo que vinha buscando. Quando escutei o dueto dela com o espanhol Guillermo Garcia, senti a vibração, o som que saía dos dois *cajóns* reverberando em mim, percorrendo meu corpo, ecoando no meu peito. Algo forte e muito sensível ao mesmo tempo. Fiquei tocada. Atravessada por uma sensação boa e desafiadora de que esse reverberar era o que eu estava em busca.

A origem do *cajón* data do século XVII, no Peru, numa época em que a igreja católica proibia o uso de tambores pelos escravos e queimava esses instrumentos na tentativa de minimizar a possibilidade de comunicação entre eles. Ante a proibição de utilizarem os tambores, os escravos usavam diversos apetrechos de madeira como colheres, mesas, gavetas e caixas para produzir sons que acompanhavam as canções e os ritos comuns africanos. As caixas de madeira para coleta de frutas foram cada vez mais utilizadas e passaram a ser populares nas festas tradicionais de dança peruana (GARCIA, 2014, p. 2-3).

Um instrumento cheio de história que esbarra na nossa.

Batuques afro-peruanos que ouvi na casa do professor de pandeiro e que me levaram virtualmente para uma volta ao mundo.

O cajón reverberando pelas mãos e pernas dos músicos e em mim.

Decidi que a estratégia interventiva que desejava implementar na disciplina Ciências e Mídias teria o nome de caixa em espanhol, numa tentativa tênue de pulverizar uma outra concepção. Não mais daquela que guarda, que encaixota, que prende, e sim de uma caixa que liberta, que expande, que ecoa, que amplifica.

Com uma dedicação intensa elaborei o projeto que desenvolvi ao longo de 2017.

Inicialmente pensei que seria importante contar a eles a história da minha descoberta do *cajón* e envolvê-los na proposta como um convite. Não seria possível desenvolver o projeto se os estudantes coletivamente não estivessem dispostos a participar.

Tinha em mente o que eu queria provocar mas não sabia muito bem como. Gostaria que o *cajón* fosse o disparador de uma sequência de possibilidades criativas e que envolvesse os estudantes em um grupo potente, no qual o acolhimento do outro em sua singularidade fosse constante.

Com a nova ementa da disciplina, queria iniciar a discussão sobre como a veiculação dos conhecimentos científicos nas diferentes mídias adensam discursos e reforçam estereótipos principalmente em relação às questões étnico-raciais e de gênero. Para acessar os estudantes livremente nessa discussão, queria desenvolver uma estratégia interventiva que nos levasse a pensar nos estereótipos e representações que circulam no contemporâneo acerca do outro e, assim, diminuir barreiras para o acesso aos sujeitos que constituem conosco a sala de aula.

Nesse movimento pensei que o *cajón* poderia ser esse disparador que fizesse com que pudéssemos nos olhar para além do físico, conhecendo mais sobre o sujeito que está conosco e a nós mesmos, sem os rótulos que permeiam nosso imaginário: gordo, magro, feio, bonito, alto, baixo, gay, hétero, lésbica, bi, inteligente, nerd, descolado, cabeludo, barbudo, tatuado, negro, japonês, branco, rico, pobre...

Mas, para nos desprendermos dos rótulos, pensei que talvez precisássemos ser mutuamente afetados por algo muito potente. Por aquilo que nos comove, nos emociona. Para que pudéssemos enxergarmo-nos uns aos outros tal qual o menino do poeta Manoel de Barros, na primeira parte da *Canção do Ver* (2013, p. 395):

*Por viver muitos anos dentro do mato
moda ave
O menino pegou um olhar de pássaro
Contraíu visão fontana.
Por forma que ele enxergava as coisas
por igual
como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra.
E tal.
As palavras eram livres de gramáticas e
podiam ficar em qualquer posição.
Por forma que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao canto formato de sol.
E, se quisesse caber em uma abelha, era
só abrir a palavra abelha e entrar dentro
dela.
Como se fosse infância da língua.*

Tínhamos de tentar desenvolver visão fontana. Uma visão que é fonte do que vê. Que enxerga as coisas sem os nomes. Em liberdade. Na essência do que se experimenta.

Como se convida o outro a ser pássaro?

A voar com asas que nem sabíamos que possuíamos?

Lembrei do filme *A espuma dos dias*, um romance do francês Boris Vian, dirigido por Michel Gondry. Há uma cena em que a mocinha (Audrey Tautou) e o paquera (Roman Duris) se sentam em uma gôndola no formato de uma nuvem, içada por um guindaste, e vão percorrer Paris. Queria levantar meus alunos para as nuvens. Desgrudar do chão pegajoso dos blocos universitários. Fazer uma festa no céu.

Idealizei a primeira ação. Convocá-los afetuosamente para essa entrega. Para um compartilhamento de si. Para uma primeira incursão a nós, enquanto grupo, em sala de aula.

Explicitiei meu processo de estudo, o desejo de inserir ações diferenciadas na disciplina e comentei sobre o *cajón*. Coloquei uma música da Heidi Joubert, em som bem alto, no espaço do laboratório de ensino. As batidas do *cajón*, acionadas pela musicista, podiam ser sentidas por todos.

A reverberação estava materializada.

E os rostos confusos da primeira semana de aula questionavam em silêncio o que aquilo significava.

Disse a eles que eu gostaria de propor uma sequência de atividades que nos levasse à tentativa de romper estruturas estereotipadas e nos colocasse em movimento de criação. E que, para isso, estava feito um convite, pois sem a participação de todos não seria possível crescermos enquanto grupo.

Como as palavras de Sueli Rolnik estavam pulsando em mim, parti de mim mesma para esse convite. Exemplifiquei a proposta a partir de uma experiência que vivi. Escolhida porque era didática e de fácil compreensão. Sugeri aos estudantes que a primeira ação fosse levar para o compartilhamento algo materializado que acessasse uma memória, um vivido, uma marca que reverberasse neles, tal qual o som do *cajón*, fosse oriunda de um encontro alegre ou triste, daquilo que os emocionasse de alguma forma.

Projetei um pequeno conto:

Hoje parei num semáforo e um rapaz se aproximou com uma caixa de isopor. Abaixei o vidro e ele explicou que tinha vindo da Bahia e estava vendendo bombons caseiros. Eu disse que se tivesse dinheiro eu compraria, mas não tinha. Aí ele me falou para pegar um bombom. Repeti que não tinha dinheiro. O rapaz insistiu. Era um presente. Disse que eu tinha sido a primeira pessoa a conversar com ele no dia e que ele estava precisando somente de um sorriso.

E levei para eles a embalagem do bombom. Disse que a embalagem era o *cajón* para mim, daquela situação que reverbera em mim e me coloca a pensar nas fragilidades das relações humanas e nos presentes imateriais que podemos ofertar por aí.

Os estudantes compreenderam, se emocionaram com o meu contar e se dispuseram a compartilhar algo deles. Marcamos uma data no planejamento da disciplina e acordei com eles que aqueles que não se sentissem confortáveis em proceder ao relato oral que poderiam deixar afixado no mural do laboratório o item material e a história.

Prossegui na explicitação das outras duas atividades previstas com o *cajón*.

Sugeri que os licenciandos desenvolvessem processos de criação por meio de fotografias e textos autorais, incentivando-os a falarem de si próprios e a compartilharem aspectos da vida cotidiana, inserindo as emoções como temática das discussões acerca das mídias e da contemporaneidade que vivemos.

Queria estimular os alunos a um olhar sensível para o mundo, no sentido de aguçar os desejos de criação.

Assim, propus um dizer sobre uma fotografia. No texto “A (in)sustentabilidade da imagem”, Guimarães (2017, p. 29) afirma que

[...] a imagem parece exigir ser reconhecida sem equívocos, sem hesitações, como se fosse tecida tal como um desenho esquemático, escolar, ofertado aos alunos para que compreendam, absorvam, quase sem o exercício criativo do pensamento, de modo claro, límpido, transparente, a mensagem que está sendo ensinada.

Desejava que os estudantes pudessem se permitir a hesitação, a dúvida, o questionamento. Sugeri que escolhessem uma fotografia, produzida por eles ou não, e que se deixassem atravessar por aquilo que estava na sutileza da imagem. No que não estava nítido. E que produzissem um dizer sobre a foto. Era uma tentativa de dividir com o outro aquilo que somente o sujeito na sua singularidade, com suas marcas do vivido, é capaz de enxergar. Algo que antes somente pudesse fazer sentido a ele, na sua unicidade, passasse a ser perceptível aos outros.

Novamente exemplifiquei com uma fotografia minha. Levei a imagem da minha mão coberta por um papel celofane cor de rosa com balas de goma no formato de coração. E um

dizer: “Quicá pudesse distribuir pílulas adocicadas para serem deglutidas de forma lenta, ao sabor dos afetos. Enchendo de coragem corações esvaziados. Deixando resíduos de goma em memórias do outro. Colando-nos em ternura. Em rosas. Em vermelhos”.

Antes era somente a imagem de uma mão com balas. Mas, para mim, tinha outra potência.

Novamente os licenciandos se colocaram de forma entusiasmada a produzir um dizer a partir da fotografia. Muitos afirmaram que não conseguiriam escrever da forma como estava apresentando. Expliquei que a ideia era a tentativa, o processo e não o produto. Que cada um poderia trazer no formato que conseguisse elaborar, mas que a proposta era um dizer partindo de si e não uma frase elaborada por um escritor, poeta ou músico.

E a última ação proposta no projeto do *cajón* foi a elaboração de um texto autoral. Conversei com os estudantes sobre a possibilidade de um escrito, na dimensão que eles desejassem elaborar, que fosse totalmente produzido por eles. Um texto que trouxesse esse olhar sensível, na temática, experiência e sensação que fizesse sentido para eles. Sem preocupação com número de páginas, normas ABNT, citações e referências. Expliquei que sabia da dificuldade de se colocarem em palavras num curso em que raramente podemos escrever em primeira pessoa, que sempre temos de nos referir a um outro para justificar nossas ideias e que é quase impossível ter algo autoral validado como significativo. Dessa forma, sugeri que o texto fosse a última produção no semestre, para que, ao longo do tempo, eles fossem se sentindo mais confortáveis em criar linhas e parágrafos.

Deixei um escrito meu como exemplo, pontuando novamente que cada um estaria num processo e que todas as formas de tentativa seriam acolhidas.

Catapulto-me em máquinas transgressoras que irrompem as multidões estratificadas de nãoos.

Lanço-me em molas de desejos-projéteis mirando o tangível.

Aquilo que pode ser sugado, lambido, devorado na existência de ser-se.

Na produção do próprio tempo.

Na umidade da vida que acontece.

Que pulsa.

Em movimento.

Ao ser estilingue de mim mesma.

Aceitaram o desafio.

Assim, o projeto do *cajón* como estratégia interventiva foi estruturado em três momentos: o compartilhamento de algo materializado que reverberasse uma memória, uma fotografia com um dizer e um texto autoral.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES

O movimento que me impulsionou a desenvolver o projeto me levou a questionar inúmeros aspectos da docência, inclusive a avaliação.

Por me sentir uma professora-anfitriã, tornei-me produtora de convites. Aquela que chama os convidados para uma festa.

Aulas-festa.

Aulas em processo de carnavalização.

Para Bakhtin (1981, p. 105), no carnaval “revoga-se antes de tudo o sistema hierárquico e todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta, etc., ou seja, tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade entre os homens”.

Aulas-carnaval.

Embora tenha a clareza e a dimensão exata da minha responsabilidade enquanto professora na formação dos licenciandos, para desenvolver o projeto do *cajón* precisei reelaborar compreensões acerca da avaliação dos estudantes.

Como propor algo libertador, que estimulasse a criatividade e a empatia entre os alunos se estivesse calcada numa avaliação punitiva? Como seria possível compartilhar sensações íntimas tendo o receio de ser julgado? Como poderiam se movimentar em liberdade para conversar com imagens numa ótica invertida se estivessem aprisionados a uma nota? Como faríamos para criar um texto autoral com o medo da exposição?

Uma linha tênue entre o exercício de um poder de ser/estar professora, inegável e intrínseco à própria ação docente, e o meu desejo de ser anfitriã, de estar com eles num baile de carnaval, em misturas equânimes e fruição.

Ao apresentar a proposta do *cajón*, deixei para construirmos coletivamente a avaliação. Como houve uma adesão aos três momentos propostos, esses momentos foram considerados avaliativos. Os estudantes pontuaram a distribuição das notas levando em consideração o que para eles era de maior complexidade. Informei que a pontuação poderia ser revista a qualquer tempo, pois gostaria que eles investissem no processo.

E esse momento chegou rápido, na segunda semana de aula, pois, ao meu ver, seria por meio do compartilhamento das memórias que reverberam em cada um dos que compõem o grupo que poderíamos avançar com o projeto da estratégia interventiva.

Os estudantes se colocaram num círculo para que todos pudessem ver os colegas. Minha fala foi no sentido de incentivá-los ao compartilhamento. Havia muitos objetos sobre as bancadas do laboratório e um silêncio devastador penetrou meu corpo com a dúvida petrificante de que talvez eu tivesse apostado em algo que não seria produtivo. Mas, assim como fazemos ao abrir a porta de nossa casa aos amigos queridos que chegam para um jantar, lancei um sorriso e repeti em palavras a minha crença de que o *cajón* poderia provocar transformações em nós. Que eu desejava escutá-los, que eu gostaria de saber sobre cada um deles, para nunca mais dizer “meus alunos” de forma generalizada, e, sim, senti-los comigo na singularidade da vida que pulsa em cada um. Para além dos corpos humanos. Naquilo que nos constitui como gente.

E tal qual grão de milho que começa a estourar na panela quente, pipocamo-nos em depoimentos.

Adotei a pesquisa narrativa para dar conta do objetivo de dimensionar como a estratégia interventiva potencializa os sujeitos ao processo criativo, à autoria, solidariedade e empatia. Isso porque os teóricos Clandinin e Connely (2011, p. 26) trazem esse método como uma forma de “entendimento da experiência”. No entanto, não consegui compor todos os depoimentos em textos de campo e nem produzir registros fotográficos da maioria. Não queria que os estudantes se sentissem invadidos. Estávamos tão absortos no momento do *cajón* que não havia margem para algo paralelo. Assim, o que trago como exemplificações estão muito mais vivas em mim, reverberando em meu fazer-professora, do que em escritos ou imagens.

Uma embalagem de picolé sabor coalhada: lembrança do café da manhã na casa do sítio da avó, que mora no Maranhão e que há três anos não se veem.

Sapatinhos de bebê num azul clarinho: memória do irmão que morreu antes de completar seu primeiro ano de vida.

Cartas internacionais: saudades do pai que saiu para uma viagem pelo mundo, sozinho, numa bicicleta.

Chaves: a materialização de uma conquista de morar numa cidade diferente após ter sido espancado pela mãe ao contar que era gay.

Fita colorida do Nosso Senhor do Bonfim: um agradecimento pelo milagre de ter conseguido se curar de uma depressão profunda.

Disco do Pink Floyd: presente do namorado que se suicidou.

Tantas outras falas numa profusão de intensidades. Aquilo que estava oculto. Que não sabíamos. Não tínhamos a mínima ideia de que algo daquela profundidade havia sido vivido pelo sujeito que compartilha conosco a sala de aula.

Agradecíamos coletivamente o compartilhamento. E só. Guardávamos o *cajón* do outro em nós, agregando nossos discursos.

Na aula seguinte, conversamos sobre a avaliação e sobre o processo. Os estudantes explicitaram que havia sido muito difícil, não só a escolha do que levar, mas fundamentalmente a fala, porque era algo inédito contar sobre si no espaço universitário. Voltei a explicitar que o *cajón* fazia parte de um projeto no qual eu acreditava que somente em um ambiente empático, livre de julgamentos, poderíamos ter coragem para criar, ousar e inventar. E, para ser possível essa empatia, precisaríamos nos conhecer para além do físico, em atitude solidária com o outro.

Aprendemos coletivamente no primeiro *cajón* a nos respeitarmos. A enxergar o outro como um sujeito composto por histórias, vivências, dores, belezas e desejos. Marcado pelas experiências da vida tal qual cada um de nós. Tornamo-nos um grupo. Agradei a confiança e a entrega à proposta e ponderei que não estamos isentos de cair na vala do preconceito, do julgamento e da crítica agressiva, pois somos cotidianamente capturados na sociedade do consumo a ver o outro de forma objetificada. Assim, nos propusemos a, no caso de cairmos na vala, que nos ajudássemos mutuamente para sair dela.

E caímos na vala.

E saímos dela.

Várias vezes.

O processo avaliativo ocorreu em uma intimidade com os estudantes que foi sentida no grupo pela alta frequência às aulas e no empenho em participar dos momentos do *cajón* com preparo prévio do que havia sido acordado e acompanhamento de todos os depoimentos dos colegas com consideração ao que estava sendo compartilhado. Isso se deu tanto no primeiro momento como na fotografia com os dizeres e no texto autoral.

A riqueza desses momentos foi tamanha que os licenciandos propuseram integrar seus textos autorais a um livro digital, que está em fase de editoração.

Conseguimos com o *cajón* discutir os temas polêmicos dos conteúdos programáticos da disciplina, respeitando a diversidade de opiniões e reunindo argumentos em nossas próprias vidas para nos colocarmos em possibilidade de compreensão de situações de risco do corpo biológico e de abusos em múltiplas esferas, sabendo de nossas limitações como sujeitos e das impossibilidades de resolver todos os problemas que prostram a potência do exercício da docência.

AUTOAVALIAÇÃO DO PROFESSOR FORMADOR

Idealizar esse projeto e colocá-lo em prática provocou reviravoltas na minha vida como um todo. A trajetória de estudos e de estruturação da estratégia interventiva do *cajón* me convocou a um processo de autoconhecimento profundo que mexeu com minhas concepções acerca da docência, do espaço da sala de aula e do meu trabalho enquanto professora, orientadora e pesquisadora, mãe e mulher.

Sinto que consegui acessar um lugar na minha profissão de maturidade, confiança e compreensão do que realmente significa ser professora.

O projeto que desenvolvi junto aos estudantes, monitores e estagiários docentes da pós-graduação se constitui num método pedagógico que foi minuciosamente aproveitado para nossa formação coletiva. Propor e vivenciar o *cajón* em sala de aula foi uma das experiências mais incríveis que tive na UFU. Atualmente a disciplina Ciências e Mídias tem as duas turmas lotadas, muitas vezes com fila de espera para a matrícula, sem evasão e com uma taxa de assiduidade em torno dos 90%. Tenho certeza que esse retorno dos licenciandos, expresso na presença e no desejo de estar, está alicerçado no meu movimento para compreendê-los como sujeitos únicos no mundo e estimulá-los em suas potências criativas.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, escutei dos estudantes falas de agradecimento repetidas de diversas formas e que circulavam em relação a situações muito similares. Licenciandos que desejavam desistir do curso e desistiram de desistir ao cursar a disciplina. Alunos que estavam em depressão ou crise de ansiedade e foram em busca de ajuda terapêutica. Gente que não conseguia dizer aos pais, familiares, amigos e parceiros que os amava, e depois das aulas, ou no meio delas, ensaiaram esses dizeres. Jovens que pediram desculpas publicamente por terem sido cruéis com os colegas de classe, por terem julgado e criticado os outros sem saber das batalhas que eles estavam enfrentando. Universitários que não acreditavam em si mesmos e me contaram que, pela primeira vez, um professor teve interesse em saber verdadeiramente sobre eles. Meninos e meninas que não sabiam que poderiam escrever seus pensamentos. Adultos que se viram crianças, acolhidos na possibilidade de ser, de criar e ir além dos não cotidianos.

Esses depoimentos espontâneos permearam uma outra dimensão, de eles se perceberem no afã de se tornarem professores que irão se importar com seus alunos. Talvez esse tenha sido o resultado mais importante para mim. Escutar, ler e sentir que eu estava sendo uma referência para eles. E que eles fariam a disciplina novamente, sem se preocupar com as notas, pelo simples prazer de estarmos juntos.

Essa sensação prazerosa de estar em comunhão com os outros perpassou os monitores e os estagiários docentes. Os relatos de como a disciplina contribuiu na formação deles remetem à autoconfiança, ao desenvolvimento da empatia e ao desejo da escrita autoral.

Alguns depoimentos dos estudantes, que anotei como texto de campo logo após o término de aulas, estão no Anexo 1, e os dizeres dos estagiários docentes e monitores que se voluntariaram a registrar, no Anexo 2.

Um projeto que nasceu da minha angústia diante da impossibilidade de ação na sociedade do consumo, na qual os sujeitos se tornam objetos, são descartados ao toque de um click e as relações humanas se mostram tão fragilizadas. Eu, que somente enxergava um caminho, a inserção nas brechas, atuando junto aos estudantes em desnudamento, em ruptura de padrões e em explicitação das minhas fragilidades, me vi fortalecida.

Assim como meus estudantes, parti para o compartilhamento das minhas produções autorais. Passei a fotografar com um olhar mais atento à composição que desejo fazer, com uma escrita que revela muito de mim e das lutas e esperanças que carrego comigo. Tenho exposto essas produções no perfil @aurabordeaux que possuo no Instagram e, dessas, escolhi seis (Anexo 3). Percebi também que o *cajón* me impulsionou a uma escrita acadêmica muito mais sensível, que tem se materializado nos artigos e projetos atuais.

O *cajón* possibilitou a constituição de um grupo por meio do qual pudemos nos ver e sentir em afetos, no campo das sensações, e estarmos aberto às experimentações. Alguns registros dos nossos movimentos coletivos estão no Anexo 4.

Como reverberações do *cajón*, estamos em processo de produção de um livro digital com os textos autorais dos estudantes que se mostraram dispostos a compor essa produção; uma orientanda que atuou como estagiária docente e que está cursando pós-graduação em Educação manifestou interesse em estudar a estratégia interventiva do *cajón* no mestrado; e estou estruturando um artigo para submissão a uma revista especializada em Educação em Ciências contando o processo da pesquisa narrativa tendo como base o *cajón*.

Movida pelo sentimento de gratidão que chegou até mim de diferentes formas, escrevi uma mensagem pelo Instagram da @heidijoubertcajon para informá-la de que ela é uma inspiração para minhas aulas e para as ações didáticas que tenho desenvolvido. Recebi um vídeo em resposta, no qual a musicista diz: “Olá, moça, eu quero apenas agradecer sua mensagem. Ela é linda. Muito obrigada pelas bonitas palavras. Estou honrada por fazer a diferença para além do mundo do *cajón*. Obrigada” (tradução nossa).⁴

E com tudo isso decidi aprender a tocar *cajón*, para iniciar cada semestre levando o instrumento para a sala de aula.

E uma aluna me disse que vai me presentear com um *cajón* que o pai dela fará para mim.

E assim vamos continuar a reverberar mutuamente nossas vivências por aí.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). *Educação é a base*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. *Pesquisa Narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa*. Uberlândia: Edufu, 2011.

⁴ “Tchau chiquita, I’m just wanna thank you for your message. It’s beautiful. Thanks for that beautiful words. I’m honored that I make a difference outside of Cajon’s world. Obrigada”.

DELEUZE, Gilles. O ato de criação. Disponível em: https://lapea.furg.br/images/stories/Oficina_de_video/o%20ato%20de%20criao%20-%20gilles%20deleuze.pdf. Acesso em: jul. 2018.

GARCIA, Maria Elena Guerrero. Del *cajón* peruano al *cajón* flamenco. *Revista Digital para Profesionales de la Enseñanza*, Andalucía, n. 29, p. 1-8, 2014.

GUIDO, Lucia de Fatima Estevinho; CARVALHO, Daniela Franco. Biologias atravessadas por sensibilidades e inquietações da contemporaneidade. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 21, n. 1, p. 155-39, 2016.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A (in)sustentabilidade da imagem. *Experimentart*, Belém, v. 1, n. 1, p. 25-39, 2017.

ROLNIK, Sueli. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-51, 1993.

ANEXOS

ANEXO 1 - DEPOIMENTOS DE ESTUDANTES DA DISCIPLINA DE CIÊNCIAS E MÍDIAS SOBRE O CAJÓN

Professora, eu gostaria de dizer que a senhora é uma mulher incrível, talvez não tenha noção do seu poder, mas a senhora como professora, explode muros. E explode muros dentro da gente.

Esta disciplina me fez procurar ajuda. Eu estava muito fechada em mim com o cajón percebi que muitas outras pessoas aqui eram desconhecidas para mim, inclusive eu mesma.

Professora, eu sou muito tímido, mas aqui no cajón eu me senti bem para falar. Foi a primeira vez que isso aconteceu.

Professora, é possível ver que você ama o que faz. E esse amor se manifesta na gente. Você faz a gente sentir que a gente é importante.

O cajón para mim foi uma libertação. Eu nunca mais vou ver essas pessoas de uma outra forma, a não ser por dentro.

A disciplina para mim foi muito importante, porque eu não acreditava que era capaz de nada. Aqui a gente viu que todo mundo tem momentos de fragilidade. E tudo bem. Tudo bem ser frágil. Tudo bem estar triste. Tudo bem estar perdido. Reconhecer isso, de uma forma louca, nos fortalece.

Professora, eu queria desistir do curso, mas com essa disciplina voltei a gostar de mim. E a gostar de fazer o que eu achava que não gostava mais.

Eu não achava que seria possível ir a uma aula por prazer. Desejar que a quarta feira chegasse.

Professora, me reprova! Eu quero fazer de novo.

O cajón tem uma força que é um eco. A gente leva com a gente para outros lugares, porque agrega ao coração.

Outro dia escutei gente do bacharelado, na fila do R.U. falando que essa disciplina deveria ser obrigatória para eles também. Percebe professora o movimento? Alguém do bacharelado reconhecendo que algo que é só da licenciatura é bom para eles? Percebe o que isso significa professora?

Eu me fortaleci como mulher aqui. Vi que é possível aliar sensibilidade à qualidade, crítica e pensamento livre.

O cajón é uma coisa mágica. Deveria existir em todas as disciplinas.

Professora, você sempre diz que o cajón só existe no coletivo e isso é lindo porque é antagônico ao mundo de competição que é a universidade.

Professora, eu chorei muito para fazer o meu cajón. Mas é um choro de agradecimento. Por estar viva e por poder dividir isso com vocês.

O cajón foi criado por quem? Porque essa ideia deveria ser incluída no currículo de forma permanente.

O cajón me motivou a olhar de verdade para os meus problemas. Faz quatro anos que eu não conversava com a minha mãe. Ontem eu liguei para ela.

Que beleza é isso que está acontecendo aqui? O cajón é isso professora? É para a gente se ver bonito por dentro?

Eu sei que o cajón não é terapia, mas foi pelo cajón que eu tive força para perceber que eu precisava de ajuda.

Professora, eu queria desistir de ser professora, mas com o cajón eu vi que eu posso ser uma professora sensível, que realmente encontre possibilidades de fazer diferença junto aos meus alunos.

Professora, a licenciatura é cruel, a gente é abarrotado de muita coisa, mas o cajón é um oásis, um momento de muita emoção.

Eu nunca quis ser professora, mas depois do cajón eu fico pensando que eu quero. Eu quero ser professora para ajudar meus alunos a curarem eles mesmos.

Professora, eu queria desistir de tudo porque tinha desistido de mim. Mas aí veio o cajón e me fez ter esperança na vida, nas pessoas, no amor e em mim mesmo.

Professora, o cajón é uma coisa muito louca. Como algo que alguém conta em menos de um minuto pode causar mudanças tão profundas?

Com o cajón eu aprendi o que é a gratidão.

O cajón me fez ver meu colega de um jeito diferente, porque eu nunca tinha olhado para ele desse jeito. Eu não sabia que ele era assim. E nem ele sabia que eu era assim. Agora nos vemos por dentro.

Professora, isso que a gente está fazendo tem um nome? O cajón é aquilo que nos conecta de novo a nossa essência, para que a gente possa dizer não, essa pessoa que eu estou sendo eu não quero mais ser. Eu quero voltar a ser eu criança, mas com a crítica que eu tenho hoje.

O cajón me permitiu conversar com meus medos.

Eu achava que nunca ia conseguir escrever algo que me tocasse porque nunca ninguém antes de você me disse que eu era capaz.

O cajón, professora, é máquina de choro porque esse choro fica numa bolsa dentro da gente e a gente esconde bem escondido, colocando um monte de sacos de problemas por cima. E o cajón vai tirando esses sacos de problema. Aí o choro acha que está livre e a gente chora.

Eu não consigo chorar com o cajón.

Eu disse à estudante: talvez porque você chore palavras. Chore poesia.

Ela: sim, professora, meu caderno de poemas que só tive coragem de fazer aqui, em Ciências e Mídias, vai virar um livro.

O cajón me deu vontade de fazer um canal no youtube para contar da minha vida com depressão. E eu gravei o primeiro vlog hoje.

Eu contei para a minha mãe que é psicóloga que a gente está fazendo o cajón nas aulas. Agora, professora, ela quer te conhecer.

O cajón parece algo que faz a gente querer. Mas não é o cajón, né? É a gente mesmo. O cajón só congrega esses querereres. E é aí que está a força.

O cajón para mim fez eu achar a profissão de professor a mais linda de todas.

O cajón faz com que a gente queira estar aqui. Mesmo tendo que estudar para prova, mesmo chateado, mesmo desanimado. A gente vem.

Eu quero muito agradecer pela disciplina e pela oportunidade do cajón. Eu não conseguia dizer eu te amo para os meus pais. O cajón vibrou em mim. Percebi que seu eu adiar, talvez não pudesse dizer nunca. E foi muito bom dizer. Agora eles sabem.

Eu tenho uma relação muito ruim com o meu pai. Ele não me respeita como mulher. O cajón me ajudou a perceber que talvez isso seja algo que eu criei, como um estereótipo do meu pai. Ele mesmo, eu não sei quem é. Mas agora estou disposta a conhecer.

O cajón me mudou muito. Pela primeira vez eu falei em público que eu tentei me suicidar. E falar isso foi muito bom.

Eu sou tímida, mas no cajón a gente vê que cada um tem uma barreira, uma dificuldade e isso me fortaleceu a conseguir dizer sobre mim. E eu gostei disso.

Professora, obrigada por ter tido essa ideia. Você é maravilhosa. Você realmente se interessa pela gente. E isso faz com que a gente se sinta com vontade de ser assim também.

Eu sempre tive muitos problemas com a minha turma, pelo meu jeito de ser, estourado, meio louco. Mas eu quero que todos saibam que eu me arrependi de várias coisas que eu falei. Peço perdão a vocês se eu os ofendi.

Acho que a base do cajón é o respeito. Com respeito a gente vê o outro de outra forma. Mesmo que a gente não queira aquilo que é bom para o outro, para a gente.

O cajón faz a gente florescer. Se enxergar bonito por dentro.

Eu não sabia, professora, que havia tanto amor em mim.

Professora, você tem ideia de como o cajón é lindo? Como ele nos enche de luz? Como ele nos impulsiona a mostrar o que a gente tem de melhor? Mesmo que seja triste.

Professora, o que eu achei mais lindo no cajón é que eu contei que perdi minha irmã, mostrei a foto dela e você, professora, quis saber o nome dela. Mas você não perguntou como ela se chamava. Você perguntou no presente. Como ela se chama? Isso, professora, me comoveu muito porque a senhora percebeu que ela está viva em mim. Obrigada.

Quando eu trouxe a fotografia do meu cachorro e falei do amor que eu sinto por ele, ninguém riu. Todo mundo entendeu que o amor estava lá, na foto.

Eu trouxe para o cajón cartas que são muito importantes para mim. Fiquei pensando que doideira é essa. Essas cartas nem meu marido leu. E estão aqui, sendo mostradas para vocês.

Ontem eu não estava bem. Achei que não ia ser bom eu vir no cajón, porque eu estava triste e não queria que vocês me vissem tristes. Mas quando eu falei da minha tristeza eu senti nos olhos de vocês que vocês a estavam vendo. E acho que ela ficou envergonhada e saiu de mim. Me senti muito melhor. E fiquei pensando se a educação não é isso. Fazer que a gente se sinta melhor.

Professora, parece que o cajón acalma a gente. Parece que com essas aulas tudo vai dar certo, tudo vai dar tempo, que a gente pode tudo e que a gente vai conseguir. A gente fala que é o cajón, mas eu acho que isso que move a gente é a gente mesmo. O cajón faz a gente colocar para fora.

Eu não quero nunca mais deixar essa disciplina. Me ver em cada um de vocês e saber que vocês estão em mim, a torna eterna.

O cajón é como um doce maravilhoso que a gente come bem devagar para que não acabe tão cedo. Nunca pensei que fosse gostar de uma disciplina da licenciatura. E agora gosto tanto que decidi que eu quero ser professora.

Quando a minha mãe me espancou eu tive o maxilar quebrado. A dor física foi enorme mas o que mais doeu foi meu coração. O cajón me ajudou a tirar uma parte do curativo. Eu não quero mais viver com esse curativo. Eu quero que o machucado cicatrize. Eu quero viver com a cicatriz.

O cajón é uma coisa inexplicável de boa.

O cajón é surreal professora. Pensa um lugar onde as pessoas não te julgam? Que você pode simplesmente ser?

ANEXO 2 - DEPOIMENTOS DE ESTAGIÁRIOS DOCENTES E MONITORES SOBRE O CAJÓN NA FORMAÇÃO DELES

DEPOIMENTO ESTAGIÁRIA DOCENTE

Perfurada. Assim me encontro após meu primeiro Cajon. Cada história, cada lágrima, cada compartilhar, uma quebra. Quebra de pensamentos antes tão padronizados. Quebra de certezas tão rígidas. Pré-julgamentos que nos impedem de adentrar o outro. Outro tão longe, estando tão perto. Rachaduras invadiram meu eu. Me desfiz, para quiça, logo me refazer, ou me deixar em pequenos-grandes pedaços. O Cajon e a disciplina são potências que reverberam. Que nos perpassa e que agora nos constitui. Constituição do outro, com o outro. A beleza do coletivo se encontra naquela sala. Pois reconhecemos a sensibilidade e singularidade que cada um carrega, passamos a enxergar o outro em seu mais sincero jeito de ser.

DEPOIMENTO ESTAGIÁRIO DOCENTE

Para biólogo que tem desejo pela aventura em territórios aparentemente improváveis, ciências e Mídias é convite a uma biodiversidade ampliada, onde também habita afetos, poesia, arte e modos de ser. É perceber que currículo é curadoria que pode abraçar singularidades. Que alteridade se faz o tempo todo.

DEPOIMENTO ESTAGIÁRIA DOCENTE

Fui estagiária docente na disciplina Ciências e Mídias, ministrada pela professora Daniela, experiência que proporcionou muito mais que um breve momento formativo. Pude experienciar profundas reflexões da práxis docente e apreender valores fundamentais para minha atuação enquanto professora. Tive a oportunidade de pensar para além das carteiras enfileiradas em sala de aula. Além das teorias. Dos espaços formais. Sem muros. Sem rótulos. Em outros vieses. Com responsabilidade para com o outro, em afetos que deslocam barreiras. Experiencei os encantamentos múltiplos que mesmo uma carreira de crenças limitantes pode proporcionar. Enxergando as pequenas alegrias, em uma docência transbordante.

DEPOIMENTO MONITORA

Essa disciplina me traz grande realizações, como pessoa, profissional, mulher, estudante, minoria, amiga, amante... Posso citar inúmeros adjetivos, nada se compara à vivência, à experiência em estar presente nessas aulas.

DEPOIMENTO MONITORA

Foi uma experiência muito engrandecedora para mim como licencianda e como pessoa, ser monitora dessa disciplina pela qual tenho um imenso carinho que é Ciências e Mídias. Pude ter uma outra visão além da que já tinha antes, e percebi o quanto isso será importante para a minha formação acadêmica. Estar em contato com os alunos e com outras opiniões, perceber que cada um tem a sua forma diferente de interpretação e de se expressar sobre um mesmo assunto, e perceber o quanto cada um enxerga ou é afetado pelas mídias à sua maneira, era algo que só cursando a disciplina eu não tinha me atentado. Pude contribuir auxiliando os alunos com as minhas opiniões e conhecimento, e com isso, também aprendi com eles.

Acho a ementa e as atividades ótimas, porque conectam os nossos saberes científicos com as nossas vivências pessoais.

DEPOIMENTO MONITOR

Exercer a atividade de monitoria em Ciências e Mídias foi uma tarefa gratificante. Pude acompanhar o desenvolvimento dos alunos na matéria, desde o princípio quando não a compreendiam até o ponto em que tiveram plena ciência da mesma ao realizarem e apresentarem trabalhos fascinantes. Tive também a compreensão do valor da disciplina na preparação do futuro docente, pois com o passar das semanas pude compreender a partir de uma nova ótica a forma como a professora lida com os diferentes comportamentos e desafios durante as aulas. E isso me proporcionou, mas valiosa perspectiva de como é a docência.

ANEXO 3 - MINHAS PRODUÇÕES AUTORAIS



Curtido por maria_alves_carolina e outras 121 pessoas

aurabordeaux Habita em mim uma cigana cintilante que gargalha em meus ouvidos gritos sagitarianos de força nômade. Em desejos pulsantes de me fazer sorrir, de me fazer cantar e dançar sem parar. Agitando balangandãs em sonoridades de ruptura com o esperado. Na singularidade de ser mulher mapa-mundi galopante. Em vermelhos. Em paixão.





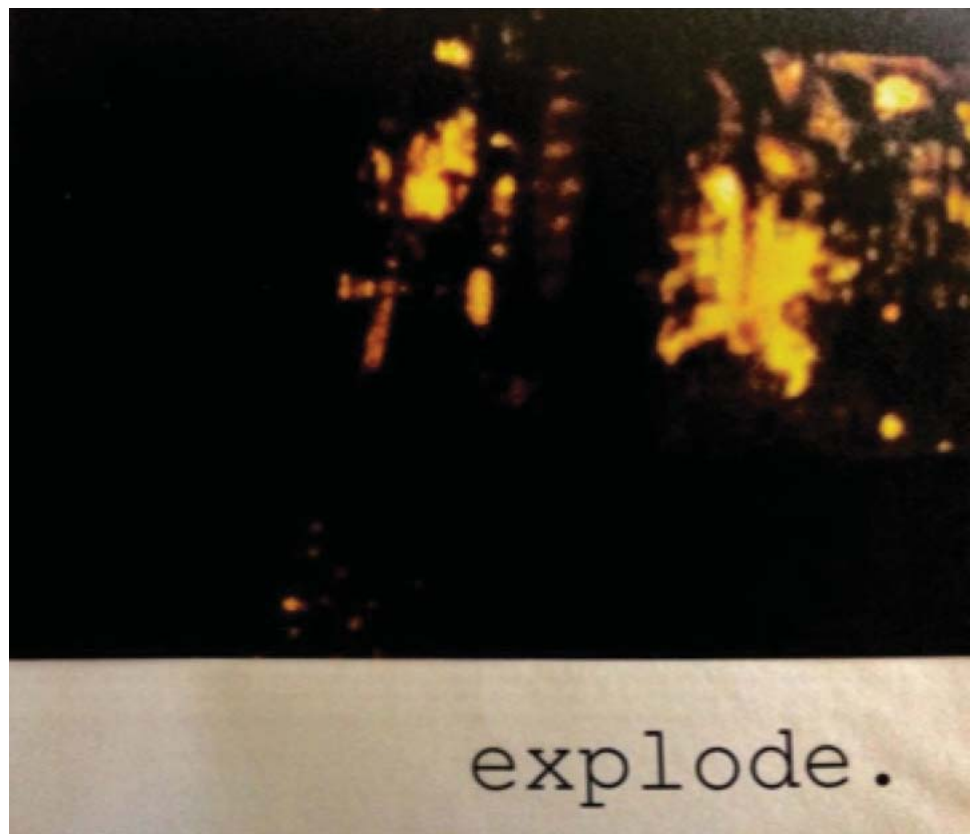
Curtido por [maria_alves_carolina](#) e outras 249 pessoas

aurabordeaux Por Marielle. Por mim. Por todas as mulheres. Que possamos nos fortalecer em luta. Esfregar nossos pés no asfalto para rasgar os nãos da jornada. Fabricar calos de resistência. E fazer vazar bolhas de esperança. ❤️ [#mariellelive](#)




Curtido por [maria_alves_carolina](#) e outras 103 pessoas

[aurabordeaux](#) Meu coração está dilacerado. Coração mulher-verdade. De sofrimento-luta. Devaneios-desejos. Sonhos-encontros. Que se recusa a ser objeto. Troféu. Em constante processo de cicatrização. ❤️ [@buenoz.paulo](#) obrigada pela atadura!



Curtido por **buenoz.paulo** e outras **41** pessoas

aurabordeaux Explode mulher. Explode em força. Explode em outras mulheres. Explode em vida. Explode em desejos. Explode em vísceras que concentram o sangue pisoteado das guerras cotidianas. Explode em gritos de libertação. Explode.  Inspirada na dissertação de [@marianesschmidt](#)



Curtido por **buenoz.paulo** e outras **92** pessoas
aurabordeaux Temos a força, o brilho, a beleza, o amor e desejos de transformação do mundo para melhor todos os dias! (Obra de Zoe Buckman)



Curtido por **camis0111** e outras **50** pessoas
aurabordeaux A história muda de um coração remendado que foi se curando de dentro pra fora ❤️



Curtido por **camis0111** e outras **50** pessoas
aurabordeaux A história muda de um coração remendado que foi se curando de dentro pra fora ❤️



Curtido por **camis0111** e outras **50** pessoas
aurabordeaux A história muda de um coração remendado que foi se curando de dentro pra fora ❤️



Curtido por **camis0111** e outras **50** pessoas
aurabordeaux A história muda de um coração remendado que foi se curando de dentro pra fora ❤️

ANEXO 4 - REGISTROS DOS MOVIMENTOS COLETIVOS NA DISCIPLINA DE CIÊNCIAS E MÍDIAS

Ciências e Mídias



Disciplina em afetos

Disciplina em muitos lugares



Cajón piquenique no parque



Cajón no museu de arte contemporânea



A escuta do depoimento do outro



Fotos e dizeres em compartilhamento



Cajón: “eles estão em uma piscina que derrete os corpos e deixa escorrer os sentimentos”



Cajón: “essa é uma blusa de lã que a minha avó tricou. Cada espaço entre as fibras me ilumina”



 **Natalia Cury** ▸ Ciências e Mídias
8 de dezembro de 2017 · 📷

Intervenções sanitárias

👤 Você e Tatiane Cristina

 Curtir  Comentar

 Escreva um comentário...  

Cajón: “intervenções sanitárias”